

**DE BRIGHTON A TRAMANDAÍ: A VILEGIATURA MARÍTIMA E A INVENÇÃO DA
PRAIA**
**FROM BRIGHTON TO TRAMANDAÍ: MARITIME VACATIONS AND THE INVENTION
OF THE BEACH**

Lilian Oliveira Trevisan Lima¹

Resumo

O presente artigo analisa as mudanças das percepções do Ocidente sobre a praia, a partir do século XVIII, com o nascimento e expansão da prática da vilegiatura marítima. Observa-se também a importância do pioneirismo da cidade inglesa de Brighton e suas semelhanças na prática de banhos de mar na cidade de Tramandaí, no litoral norte do Rio Grande do Sul, um dos primeiros espaços dedicados à vilegiatura marítima nesse estado. Dessa forma, são realçados os fatores que estimularam o desenvolvimento da vilegiatura marítima nessas duas cidades, relacionando as semelhanças sociais dos usos do território marítimo e como essa prática impactou a sociabilidade e a relação entre natureza e cidade.

Palavras-chave: Vilegiatura marítima; Brighton; Tramandaí.

Abstract

This article analyzes the changes in Western perceptions of the beach from the 18th century onwards, with the birth and expansion of maritime vacations. It also looks at the importance of the pioneering English city of Brighton and its similarities to the practice of sea bathing in the city of Tramandaí, on the north coast of Rio Grande do Sul, one of the first spaces dedicated to maritime vacations in the state. In this way, the factors that stimulated the development of maritime vacations in these two cities are highlighted, relating the social similarities of the uses of the maritime territory and how this practice impacted on sociability and the relationship between nature and the city.

Keywords: Maritime vacations; Brighton; Tramandaí.

Introdução

¹ Mestranda (bolsa CAPES) no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) na linha de pesquisa Imagens: entre iconografia, cultura visual e intermedialidade. Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

A praia e os banhos de mar contemporaneamente são vistos como práticas comuns de lazer, da fuga da cidade para contato com a natureza, mostrando uma relação de poder entre esses espaços carregados de construções culturais. Contudo, todo território carrega pertencimento de ideias e construção do olhar de uma sociedade. Desta forma, a contribuição teórica de Alain Corbin para esse trabalho é fundamental, principalmente no que diz respeito ao que ele definiu como “invenção da praia” no último capítulo de seu livro “O território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental” (1989).

Anteriormente ao século XVIII, o mar ocupava o imaginário Ocidental, uma obra inacabada da criação divina, visto com pavor, a imensidão das águas remetia a punição divina aos pecadores, como já referenciado na Bíblia o fenômeno do Dilúvio. (CORBIN, 1988, p. 12). No século XVIII se consolida a relação com a praia passando por uma nova construção de olhar voltada para uso terapêutico e a gênese das práticas de veraneio.

A Inglaterra oitocentista é considerada o berço da prática da vilegiatura² marítima, esta que primordialmente tinha como objetivo as práticas terapêuticas. Os médicos ingleses exerceram um papel fundamental para o desenvolvimento dessa atividade, sendo pioneiros na prescrição de banhos de curas, inicialmente nas águas termais de Bath e, posteriormente, nas águas marítimas em Brighton. Referenciando as práticas terapêuticas dos banhos de mar, Corbin destaca que “O modelo de vilegiatura balnear das spas do interior pesou fortemente sobre a invenção da praia. Brighton, sob muitos aspectos, parece um avatar de Bath. Em ambos os casos impõem-se o primado do objetivo terapêutico.” (CORBIN, 1989, p. 270).

O privilégio de passar uma temporada afastados de suas residências aproveitando o lazer da vilegiatura era algo que apenas classes sociais abastadas tinham o prazer de desfrutar. Nessa conjuntura, Brighton era entendida como um lugar destinado às pessoas consideradas “civilizadas”³, a prática do banho de mar passa a ser valorizada e vista como uma atividade destinada aos burgueses e aristocratas e o litoral torna-se o local ideal para essas pessoas entrarem em contato com a natureza e se sentirem “livres” (ENKE, 2013, p. 112).

Assim, os primeiros vilegiaturistas pertenciam a uma elite culta e viajada, o que foi essencial para que essa prática rompesse as fronteiras da Inglaterra e se espalhasse por toda a Europa (BRIZ,

² Temporada que se passa fora das grandes cidades, geralmente no campo ou na praia.

³ Para o sociólogo alemão Norbert Elias, em seu livro “O Processo Civilizador – Vol. 1: uma história dos costumes”, o conceito de “civilização” está diretamente relacionado a maneira como o Ocidente compreende a si mesmo, ou seja, ele se apresenta em oposição a outras sociedades que para os ocidentais são consideradas “incivilizadas” (ELIAS, 1994, p. 23). Ainda, o historiador francês Jean Starobinski destaca em “As máscaras da civilização: ensaios” (2001) que na Idade Moderna esse conceito passa a ser empregado para definir a ação de civilizar ou de corrigir costumes numa sociedade (STAROBINKSI, 2001, p.12). Por fim, o historiador brasileiro Bruno Nery do Nascimento salienta em sua dissertação de mestrado que ser considerado “civilizado” no entendimento moderno era relativo a alguns hábitos como o cuidado com a higiene, a saúde e a beleza e a prática de atividades ao ar livre, como o banho de mar (NASCIMENTO, 2016, p. 21).

2007, p. 255). Os imigrantes europeus estimularam a difusão da vilegiatura para o restante do mundo ocidental, inclusive para o Brasil. No litoral do Rio Grande do Sul essa prática desenvolveu-se a partir do século XIX, quando médicos europeus que imigraram para o Brasil e médicos brasileiros que se formaram na Europa passaram a recomendar os banhos de cura em águas marítimas, assim como já ocorria no outro continente desde o século anterior (SCHOSSLER, 2010, p. 14).

Nessa esteira de disseminação dos usos da praia, Tramandaí, no litoral gaúcho, tornou-se um dos primeiros destinos para aqueles que buscavam a vilegiatura marítima no estado, devido principalmente a sua localização privilegiada, estando próxima à capital e à região metropolitana. Em 1906, o antropólogo Roquette-Pinto, de passagem nesta cidade, relatou:

Para ir da Capital do Estado às costas do Atlântico achei, em comêço, grandes dificuldades. Durante o verão a condução para Tramandaí, ponto inicial de minha verdadeira excursão, não é difícil. Tramandaí é mesmo uma das praias de banho da população de Porto Alegre. Na ocasião a estação balneária não havia ainda começado nem um trânsito era, então, feito seguidamente entre esses dois pontos. Não havia, na Capital, quem me quisesse alugar os cavalos necessários; e o preço que me pediam por alguns, de que precisava, era quantia que eu não dispunha. (ROQUETTE-PINTO, 1962, p. 14)

Assim, nas palavras do antropólogo fica claro a relação dos porto-alegrenses com Tramandaí durante o período do ano destinado à vilegiatura, bem como a ausência de interação com o mar nos meses restantes, ao ponto de não haver nem mesmo transporte disponível para essa localidade. Nota-se que o vínculo de Tramandaí com a capital era baseado predominantemente em torno dessa prática.

Brighton e a invenção da praia no ocidente

No célebre romance *Mansfield Park*, publicado pela primeira vez em 1814, os personagens escritos por Jane Austen passam uma temporada afastados de suas residências e aproveitando a cidade litorânea de Brighton, no sul da Inglaterra. A escolha da autora para descrever tal localidade não foi por acaso. Sendo filha de seu tempo, Austen é muito conhecida nos estudos literários, historiográficos e de áreas afins por retratar — mesmo em obras de ficção — o contexto sociocultural da Inglaterra do início do século XIX.

Observa-se com a narrativa da autora que foi no período em que Jane Austen e os personagens de *Mansfield Park* viveram, que Brighton vivenciou o auge da prática da vilegiatura. Antes do século XVIII, essa região era apenas uma pequena e decadente vila pesqueira, e no século XIX já era o local preferido de vilegiatura do príncipe regente e da alta aristocracia inglesa (BRIZ, 2007, p. 257).

Para que o mar se tornasse um espaço visto e visitado foi preciso que as prescrições médicas, vários doutores da época foram relevantes dentre eles o doutor Richard Russel⁴ — instalado em Brighton em 1755 —, que passaram a prescrever banhos de cura em águas salgadas, alimentando as conexões entre a cidade e a natureza, construindo a sociabilidade no mar. Assim, o historiador francês Marc Boyer em sua obra *Les vilegiatures du XVIe au XXIe siècle: panorama du tourisme sédentaire* (2008) retrata:

Simplemte, desde 1740, muito timidamente a princípio, primeiro em Brighton e depois em algumas outras cidades do lado britânico do Canal, os aristocratas do Reino Unido sentiram o desejo de verificar, em si mesmos, a afirmação de alguns médicos: a imersão brutal na água do mar causava sufocamento salutar. Essa invenção da costa ocorrera em Brighton, mais perto de Londres, a partir de 1740. Iniciava-se uma estância de veraneio: a boa sociedade organizou-se para ali se hospedar. (BOYER, 2008, p. 85, tradução nossa)⁵

Assim, o pioneirismo inglês na vilegiatura marítima também foi carregado pelo eixo do discurso da elite e do corpo médico da época. A Inglaterra pós Revolução Industrial foi palco para o avanço de certas enfermidades que passaram a preocupar a sociedade quando começaram a atingir as elites, despertando nos profissionais da medicina a necessidade de investigar e realizar novos tratamentos. A maior preocupação era com questões psíquicas como a histeria, a ansiedade e a melancolia que atingiam principalmente mulheres e crianças. Para tentar combater essas patologias, os médicos passaram a prescrever os banhos terapêuticos (FREITAS, 2009, p. 109). Esse discurso científico impulsionado pela aristocracia e burguesia ascendente fez com que ir ao litoral passasse a ser uma necessidade para quem buscasse reafirmar seus valores sociais (FERREIRA, 2012, p. 47).

Dessa maneira, tendo um objetivo e um público alvo definido, as primeiras estações destinadas aos banhos de cura precisaram se adaptar aos padrões de vida da elite aristocrática. Para receber os vilegiaturistas, a cidade de Brighton foi equipada com locais indispensáveis para as pessoas “civilizadas”, como capelas, bibliotecas, teatros e cassinos (BRIZ, 2007). Ademais, os hotéis também tiveram um papel fundamental nesse período, sendo o espaço que protagonizava a maioria dos encontros sociais que ocorriam fora das águas. Os dois principais estabelecimentos de Brighton nesse período eram o *Castle Hotel*, fundado em 1776 e o *Oldship*, instalado no ano seguinte. Esses locais

⁴ Richard Russel foi um médico inglês conhecido por defender os benefícios curativos dos banhos de mar, tendo como principal obra “*On the use of sea-water in the diseases of the glands*” (1750), trabalho que fez com que ele ficasse conhecido como “inventor do mar” (SOUZA, 2014, p. 88).

⁵ *Simplement, depuis 1740, très timidement d’abord, à Brighton en premier lieu puis en quelques autres bourgades de la rive britannique de la Manche, des aristocrates de Royaume-Uni avaient éprouvé le désir de vérifier, sur eux-mêmes, l’assertion de quelques médecins : l’immersion brutale dans l’eau de mer provoquait une salubre suffocation. Cette invention du rivage s’était produite à Brighton, plus proche de Londres, à partir de 1740. Unr villégiature estivale commençait : la bonne société s’organisa pour y faire des séjours.* (BOYER, 2008, p. 85)

abrigavam os salões de baile, galerias e salas de jogos de cartas que entretinham os hóspedes durante as noites (CORBIN, 1985, p. 271), fazendo com que os hotéis se transformassem em ambientes destinados ao prolongamento do lazer proporcionado pelo banho de mar (ENKE, 2013, p. 128). Assim, paralelamente à realização dos banhos de mar, ocorria a construção da sociabilidade nos hotéis, como espaços mediadores dessa interação.

Destaca-se ainda que os banhos de mar deveriam ser meticulosamente seguindo as prescrições médicas. Os eixos de cuidados se assentavam em três bases: salinidade, frieza e turbulência (CORBIN, 1989, p. 85). Sobre a temperatura da água, segundo o historiador francês Georges Vigarello, acreditava-se que “[...] o frio faz nascer imagens de circulação de humores, de evacuação de vísceras, de redução de tumores também. Ele age sobre os ‘sólidos’ e sobre os fluxos” (VIGARELLO, 1996, p.129). Acreditando-se que quanto mais gelada a água, mais eficaz o tratamento, os banhos sempre eram realizados pela madrugada e para evitar um choque térmico, o banhista deveria ficar um período na areia para que o ar marítimo resfriasse um pouco sua pele antes de adentrar nas águas frias, posteriormente entrava no mar até que a água atingisse os joelhos e então mergulhava rapidamente cerca de três vezes (PEREIRA, 1906, p. 49).

As práticas terapêuticas não eram indicadas de forma generalizada, havia variações de acordo com a faixa etária, como o caso de algumas crianças que eram proibidas pelos médicos de entrar na água do mar, enquanto para outras eram indicados banhos rápidos e totalmente submersos na água gelada (CORBIN, 1989, p. 87). Os papéis de gênero também eram muito bem separados durante a realização dessa prática, para as mulheres, entendidas como seres mais frágeis e sensíveis, os banhos eram realizados utilizando pesados trajes de lã, sempre nas águas mais rasas e tendo a menor duração possível. Já para os homens, essa era uma atividade quase que heroica, então eles nadavam por um maior tempo em águas mais geladas e profundas, quase sempre em um estado de seminudez, sendo os banhos indo além de uma terapia, mas servindo também como demonstração de masculinidade e virilidade (CORBIN, 1989, p. 87-88).

Toda essa codificação da prática da vilegiatura fazia com que os vilegiaturistas tivessem pouca autonomia. Entretanto, havia um outro tipo de liberdade que era conquistada durante essa temporada. Sobre essa questão, Weber afirma que “O turista ou o curista ficava livre — se não para fazer exatamente o que desejava, pelo menos para agir de modo diferente. Para representar um certo ideal urbano, onde a ordem social era menos rígida, as relações mais fáceis, a mobilidade maior” (WEBER, 1998, p. 218). Portanto, mesmo seguindo normas estritamente rígidas, a vilegiatura ainda demonstra uma liberdade e distração perante ao movimento das cidades grandes que cresceram e se modernizaram de maneira exacerbada nesse contexto pós Revolução Industrial.

Para além do exposto, embora a vilegiatura marítima tenha nascido como uma prática extremamente elitista e restrita apenas a uma pequena parcela da sociedade, com o passar das décadas, ela se expande e atinge as camadas populares, impulsionada pelo discurso médico e o crescente desejo de imitar os nobres (CORBIN, 1989, p. 294). Contudo o fato dessa prática se disseminar por mais classes sociais, não significa que houve uma interação entre a elite e o compartilhamento dos espaços de vilegiatura dentre elas, pois os membros das classes altas desejavam preservar a sua distinção social (FREITAS, 2009 p. 110).

À vista disso, retomando às obras de Jane Austen, em *Sanditon* — última novela escrita pela autora e publicada inacabada em 1817, após a sua morte —, Austen apresenta o cenário cultural em torno da vilegiatura em outra localidade da Inglaterra. Enquanto Brighton era frequentada por nobres e pela elite aristocrática, Sanditon era o destino das classes mais baixas, sendo até mesmo considerada por Corbin como uma espécie de “anti-Brighton”, uma vez que ao passo que essa era considerada um local de encontro de gente “civilizada”, Sanditon era vista pela elite como o palco da “incultura, imoralidade e estupidez” (CORBIN, 1989, p. 297). Logo, apesar de existir um enorme contraste entre essas duas localidades, ainda fica clara uma relação forte entre as duas. Embora criada como o oposto de Brighton, Sanditon ainda assim emerge graças ao pioneirismo da primeira, corroborando o papel fundamental que Brighton exerceu para a difusão da vilegiatura marítima nesse período.

A expansão da vilegiatura e a invenção da praia em Tramandaí

As cidades de Brighton e Tramandaí, situadas no litoral do norte gaúcho, embora localizadas em continentes longínquos separados por um oceano, as duas convergiam em torno da interação com o mar. Assim como em Brighton, em Tramandaí a principal atividade anterior ao desenvolvimento da vilegiatura marítima também era a pesca — sendo até mesmo mais bem-sucedida do que na cidade inglesa, que se encontrava em decadência.

Para além disso, o desenvolvimento dessa prática na Europa influenciou muito para sua chegada em Tramandaí, principalmente porque famílias de imigrantes italianos e alemães tiveram um papel fundamental no “ramo de agenciamento de viagens e empreendimentos de cura e lazer tanto nos sanatórios, como nos lugares de veraneio, que também não excluíram os preceitos da terapia” (SCHOSSLER, 2010, p. 67).

Em 1906 o antropólogo Edgard Roquette-Pinto visitou Tramandaí durante sua excursão pelo litoral e região das lagoas do Rio Grande do Sul, realizada a mando do Museu Nacional. Bem como era costume dos cientistas em excursão e mesmo outros viajantes do momento, Roquette-Pinto registrou aspectos importantes das localidades por onde passou em um diário de viagem. Logo, a

respeito de Tramandaí, deu um grande destaque para a pesca e exportação do bagre para lugares como Porto Alegre e Rio de Janeiro (ROQUETTE-PINTO, 1962, p. 13). Outrossim, foi bem nesse período de transição do século XIX para o XX, que Tramandaí passou a conciliar a pesca com outra atividade que se tornou fundamental para a modesta economia da região nesse período: a vilegiatura marítima com fins terapêuticos.

Assim como ocorreu na Europa, o discurso médico desempenhou um papel fundamental nos primórdios da vilegiatura marítima no litoral do Rio Grande do Sul, sendo inclusive defendida por grandes nomes como o médico, jornalista e político gaúcho Raul Pilla que no início da década de 1920 escreveu para o jornal *Correio do Povo*:

É uma verdadeira necessidade social popularizar as praias de mar. Não se trata, apenas, de oferecer lugares onde passar férias regulamentares. Para isso, qualquer recanto serve. Os banhos, as pulverizações salinas do ar, a limpidez e a forte luminosidade da sua atmosfera fazem das praias marítimas grandes e insubstituíveis fatores higiênicos e terapêuticos. Relegá-las, equivaleria a abandonar as fontes minerais, cujas virtudes não há quem desconheça. Desenvolvê-las, é concorrer para o fortalecimento da raça, pois não existe melhor tônico para o organismo infantil. (PILLA, RAUL. *Correio do Povo*, 29/11/1921)

Em um primeiro momento, os vilegiaturistas que partiam da capital, região metropolitana e serra do estado, não encontravam um local preparado para recebê-los. Era necessário que levassem consigo tudo aquilo que fossem precisar durante sua estadia e até mesmo que construíssem lá as suas moradias temporárias. Além do mais, não havia ainda uma estrada feita para ligar essas regiões ao litoral norte, o que sem dúvidas dificultava muito a viagem que era feita por caminhos e conduzida por guias que conheciam a região. O trajeto era realizado em caravanas que seguiam em carretas de boi e mais tarde em carroções puxados por cavalos, algumas levando as pessoas e outras levando os mantimentos. Como a viagem de Porto Alegre até Tramandaí nessa época levava cerca de oito dias, os viajantes precisavam pernoitar em acomodações em fazendas que existiam nesse percurso. (SOARES, 2008, p. 35).

Percebendo a demanda na região, alguns hotéis foram construídos por empresários para atender as necessidades dos vilegiaturistas — assim como também ocorreu em Brighton. Desse modo, visto que o principal interesse dos praticantes da vilegiatura marítima nesse período eram os banhos de curas prescritos por seus médicos europeus ou brasileiros que estudaram na Europa, o primeiro hotel da região dedicou-se a esse objetivo desde o seu nome, sendo fundado assim, em 1888, o Hotel da Saúde — onde inclusive Roquette-Pinto se hospedou durante sua excursão (ROQUETTE-PINTO, 1962, p. 20).

Nas décadas seguintes, o ramo hoteleiro expandiu-se em Tramandaí. Diante disso, um dos hotéis de maior destaque do período foi o Hotel Sperb, fundado em 1898 por Jorge Francisco Eneas

Sperb, morador de São Leopoldo. Embora os praticantes da vilegiatura buscassem uma rotina diferente nos meses de dezembro a março daquela vivida no restante do ano em suas cidades originárias, eles também não queriam abrir mão de itens básicos para seu conforto e boa alimentação. Tendo isso em vista, cerca de cinco dias antes de sua ida ao litoral, Jorge Sperb despachava para Tramandaí carretas de bois carregadas de alimentos, bebidas e inúmeros outros itens indispensáveis para o bem-estar de seus hóspedes (SOARES; PURPER, 1985, p. 125), ademais, elas eram enviadas com esses dias de antecedência com o intuito de que chegassem junto com a diligência que trazia os vilegiaturistas, essa que também era de responsabilidade de Sperb. Dessa forma, a estadia dos praticantes da vilegiatura possuía uma relação de dependência com os hotéis desde a partida da capital até a volta para casa. Todas as atividades realizadas durante o período da vilegiatura — desde a ida de bonde para a beira da praia, os banhos de mar e as atividades sociais como os bailes realizados nos salões dos hotéis — também eram organizadas pela administração desses estabelecimentos, fazendo com que os vilegiaturistas estivessem restritos a esse tratamento terapêutico.

Nessa época o Brasil não importava da Europa apenas objetos, mas também, os modos de se comportar, uma vez que este continente era considerado uma referência sobre o que era ser “civilizado” para os brasileiros (MARIEN, 2008, p. 19). Assim, com a importação do discurso médico que prezava pelas águas frias para os banhos de cura, o litoral do Rio Grande do Sul foi muito apreciado para a realização desse tratamento em razão da baixa temperatura de suas águas (CORREA, 2010, p. 175). Por essa razão, os trajes de banho deste período geralmente eram de uma lã bem grossa e escura, o que fazia com que fosse muito difícil voltar ao hotel com ela molhada, por isso, a administração desses estabelecimentos construía biombos de madeira na beira da praia para que seus hóspedes pudessem trocar de roupa com privacidade. Além disso, como não haviam salva-vidas à disposição, os banhos eram sempre tomados em grupos que formavam correntes humanas para evitar afogamentos (SOARES, 2000, p. 128).

Levando em conta que os hotéis se localizavam a uma grande distância da beira do mar, havia também a necessidade de um transporte disponível para os vilegiaturistas. Assim, no início os hotéis disponibilizavam carros de bois para seus hóspedes, transporte que foi substituído por um bondinho instaurado no fim da década de 1920. Além do mais, em meados do século XX surge um transporte muito característico do veraneio em Tramandaí: os caminhões abertos conhecidos como “Dindinho” em referência a empresa de transporte que o operava. Esse transporte foi tão marcante para os veranistas que opera até hoje, sob o nome de “Carrossauro” (SOARES, 2008, p. 27).

Observa-se que os hotéis impactaram na vida dos vilegiaturistas, bem como economicamente na vida das famílias e aqueles que residiam em Tramandaí. Diversos moradores da cidade

trabalhavam nos hotéis durante a temporada de veraneio e outros realizavam atividades como vendas ambulantes para os hóspedes. (SOARES, 2008, p. 29).

No decorrer das temporadas de veraneio, a vilegiatura em Tramandaí ganha cada vez mais adeptos, muitos influenciados pelas publicidades que os hotéis faziam em veículos de informação, como o jornal porto-alegrense *Correio do Povo*, como também por relatos e cartões postais de familiares e amigos. A difusão das informações sobre a vilegiatura marítima, as práticas de sociabilidade nos hotéis e as melhorias nos transportes urbanos permitiram um novo olhar para a praia na metade do século XX. As águas marinhas tornaram-se espaço de lazer com suporte também das atividades culturais realizadas nos hotéis.

Dessa forma, a partir da década de 1930, ocorre uma transformação na prática da vilegiatura terapêutica, principalmente porque os banhistas passam a ter mais autonomia para gerir suas atividades, não se limitando mais tanto a programação dos hotéis (SCHOSSLER, 2010, p. 8), fazendo com que aos poucos o objetivo terapêutico fosse perdido e a prática ficasse mais centrada no lazer, conceito definido pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier como:

“um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, [...] sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

Diante disso, outros fatores também influenciaram na expansão e transformação prática da vilegiatura em Tramandaí. O primeiro é mais amplo e influenciou no lazer não apenas nessa região, mas em todo o mundo: a conquista de direitos dos trabalhadores. Na transição do século XIX para o XX, sem a possibilidade de férias remuneradas, passar três meses desfrutando do descanso no litoral não era uma realidade para a classe operária, assim, a prática da vilegiatura ficava restrita apenas a um pequeno grupo da sociedade. No Brasil, esse direito apenas foi assegurado na década de 1940, fazendo assim com que houvesse um processo de democratização dessa prática (CORREA, 2010, p. 178). Ademais, o segundo também ocorreu a partir dessa década, quando as estradas que ligavam a região da capital ao litoral norte foram reformadas, fazendo com que o litoral não fosse mais procurado apenas no período do verão ou por aqueles que podem ficar hospedados ali por meses, mas também se tornando um espaço de lazer também nos fins de semana (SCHOSSLER, 2010, p. 176). Por fim, o terceiro fator diz respeito ao intenso processo de urbanização e industrialização vivido na capital e região metropolitana do estado. Desde o século XIX, o Lago Guaíba e alguns arraiais de Porto Alegre eram espaços para banhos, lazer e descanso, todavia, com o avanço da indústria e o crescimento da cidade, aos poucos esses locais foram diminuindo seu caráter recreativo e o litoral passou a ser mais procurado para suprir a necessidade dessas atividades (CORREA, 2010, p. 178).

Nesse sentido, Dumazedier destaca que duas condições foram essenciais para que o lazer se tornasse possível para os trabalhadores: as atividades sociais não serem mais totalmente regradas por ritos impostos pela comunidade e o trabalho se destacar de outras atividades, fazendo com que o tempo livre seja nitidamente separável dele (DUMAZEDIER, 2008, p. 28).

No Rio Grande do Sul, assim como ocorreu na Inglaterra, a localidade frequentada pelos vilegiaturistas também era uma forma de distinção social. Com essa prática consolidada no imaginário burguês, logo ela passou a ser desejada por outros grupos sociais que se dirigiam principalmente para as cidades mais próximas da capital, como Tramandaí, fazendo com que essas praias adquirissem um caráter mais popular, assim, muitas famílias da elite passaram a buscar outros balneários, como a praia de Torres, que por ser mais distante de Porto Alegre era menos acessível (SCHOSSLER, 2010, p. 15).

Além disso, desprendendo-se dos hotéis, os veranistas mudaram totalmente a sua dinâmica. Uma das principais mudanças se deu justamente em relação a estadia, surgindo em Tramandaí o fenômeno da segunda residência. Ao contrário do turista, este que não estabelece vínculos com o lugar visitado, o praticante da segunda residência cria um vínculo incontestável com esse território (CORREA, 2016, p. 302), estabelecendo até mesmo uma relação geracional da sua família com esse local. Assim sendo, muitas famílias construíram casas em Tramandaí e passaram a viver ali nos meses de dezembro a março, criando uma ligação afetiva com esse espaço, convivendo todos os verões com a mesma vizinhança que sempre se reencontra nesse período, como uma espécie de comunidade secundária.

Sobre o início da prática da vilegiatura, Corbin destaca que “[...] o curista dispõe de pouca liberdade o médico prescreveu a estação, a hora, a duração e o lugar de seus exercícios; fixou o número de banhos de sua temporada” (CORBIN, 1989, p. 85). Posto isso, é justamente nesse período que os banhos de mar atingiram um distanciamento da visão médica para se tornarem uma prática cultural, deixando de ter hora marcada para começar e terminar, com as pessoas podendo escolher como e quando eles ocorreriam.

Por fim, a sociabilidade na faixa de areia passou a ser um dos momentos mais significativos para os veranistas. Os adultos aproveitavam do descanso e repouso sob o sol enquanto tomavam chimarrão e conversavam com pessoas que ali também estavam estabelecidas. Para as crianças, esse foi o maior espaço de troca e amizade, ali que brincavam de construir castelos de areia, jogavam bola e tomavam seus banhos na parte rasa do mar. A venda ambulante que já era bem característica desde os primórdios da vilegiatura se intensificou, indo desde alimentos e artesanatos até brinquedos e roupas de banhos, estas que também se transformam nesse período. À noite, quando a praia não era

mais tão atrativa, os veranistas voltavam para suas residências, onde havia uma grande sociabilidade com seus vizinhos ou saíam para outros locais da cidade que foi se modernizando para atender essa demanda, surgindo cinemas, lancherias e clubes para entreter esse público.

Considerações finais

Contemporaneamente, antes de ir à praia como uma prática social, comum entre as diversas classes sociais, no Ocidente a construção do imaginário sobre a praia carrega consigo um teor de invenção, já revisitado por Corbin quando ressalta o medo e a repulsa. Foi na Inglaterra pós Revolução Industrial que essa mentalidade em relação ao mar se transformou. Assumindo que muitas mazelas que se expandiram pelo país nesse período, como a melancolia e a histeria, estavam ligadas aos avanços trazidos pela revolução, médicos ingleses passaram a acreditar que banhos em águas termais e marítimas poderiam ajudar a curar tal enfermidades, tendo início a vilegiatura terapêutica.

Diante desse contexto, inicialmente a prática da vilegiatura estava reservada apenas à elite aristocrata, pessoas que poderiam usufruir de meses afastadas de suas casas destinando-se apenas a essa atividade. Assim, alguns espaços começaram a se adaptar para receber os vilegiaturistas, o que aconteceu na cidade litorânea de Brighton, considerada a primeira praia moderna ocidental.

Sendo a vilegiatura nesse período uma atividade extremamente elitista e praticada por pessoas das altas classes sociais e que realizavam viagens internacionais frequentemente, ela logo espalhou-se por toda a Europa. Esse fato também influenciou para que ela fosse levada para o restante do mundo ocidental, inclusive ao Brasil, pelos imigrantes europeus. Nessa esteira de acontecimentos, no estado do Rio Grande do Sul, a vilegiatura marítima teve sua gênese no século XIX, com grande destaque para a cidade de Tramandaí, no litoral norte, que foi um dos primeiros destinos dos vilegiaturistas oriundos de Porto Alegre e região.

Logo, apesar da grande distância que separa Tramandaí e Brighton, as duas cidades possuem semelhanças no que diz respeito às suas relações com o mar. Sendo inclusive graças ao pioneirismo da primeira, que a segunda se tornou um destaque no que diz respeito à prática da vilegiatura marítima com fins terapêuticos. Observa-se como alguns fatores foram decisivos para o desenvolvimento dessa prática nos dois locais, como o papel fundamental do discurso médico e a criação de empreendimentos hoteleiros para atender as necessidades dos vilegiaturistas. Assim, ambas passaram por um processo que as fizeram sair de vilas pesqueiras para grandes estações de vilegiatura, processos esses que exerceram uma grande transformação econômica, social e cultural nas duas localidades.

Referências Bibliográficas

AUSTEN, Jane. *Lady Susan, Os Watson, Sanditon*. Tradução Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2018.

AUSTEN, Jane. *Mansfield Park*. London: Penguin Books, 1994.

BOYER, MARC. *Les vilegiatures du XVIe au XXIe siècle: panorama du tourisme sédentaire*, Paris:éditions sem, 2008.

BRIZ, Maria da Graça. Vilegiatura balnear – Imagem ideal / Imagem real. *Revista do IHA*, v. 3, p. 254–267, 2007. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/12546>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

CORBIN, Alain. *Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CORREA, Luiz Henrique Sedrez. A segunda residência como indutora da urbanização em áreas litorâneas na contemporaneidade. *Geo UERJ*, n. 28, p. 291-307, 2016.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan.-mar. 2010, p.165-184.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia Empírica do Lazer*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador – Vol. 1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

ENKE, Rebecca Guimarães. *O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul: A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960)*. 2013. Tese. (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FERREIRA, Felipe Nóbrega. *Ao sul do sul o mar também é pampa: sensibilidades de verão na Villa Sequeira, Rio Grande/RS (1884-1892)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2012.

FREITAS, Joana Gaspar de. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. *Revista da Gestão Costeira Integrada* 7 (2): 105- 115 (2007), p.109-110. Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

MARIEN, Silvia Trindade. *Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e de educar o corpo (1920-1930)*. Campinas, SP, 2008.

NASCIMENTO, Bruno Nery do. *Entre a “Mendigópolis” e o “Recife Novo”*: reforma urbana, higiene e políticas de saúde para as mulheres no governo de Sérgio Loreto (Pernambuco, 1922 - 1926). 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

PEREIRA, B. da Costa. *Povoa de Varzim como estação Balnear Marítima (Apontamentos subsidiários)*. Livraria Povoense Editora, 1906. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17261>. Acesso em: 01 de out. de 2023.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Relatório da excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 1962.

SCHOSSLER, Joana Carolina. “*As nossas praias*”: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCHOSSLER, Joana Carolina. *Lembranças fotográficas da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul*. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10., 2010, Santa Maria. Anais [...]. Santa Maria: ANPUH, 2010.

SOARES, Leda Saraiva. *A saga das praias gaúchas: de Quintão a Torres*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

SOARES, Leda Saraiva. *Tramandaí – Imbé: 100 anos de história*. Porto Alegre: EST edições, 2008.

SOARES, Leda Saraiva; PURPER, Sonia. *Tramandaí: terra e gente*. Tramandaí: AGE, 1985.

SOUZA, Luiz Antonio de. *O urbanismo na interface do turismo: Usos e apropriações especulativas do litoral da Bahia*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Salvador, 2014.

STAROBINKSI, Jean. “*As máscaras da civilização: ensaios*”. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o Sujo: Uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEBER, Eugen. *Fraça fin-de- siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.